

A LIBERDADE COMO ARMADILHA: AUTO EXPLORAÇÃO, CONTROLE E A CRISE DA EMANCIPAÇÃO NA SOCIEDADE DE CONTROLE

Douglas Dorneles da Silva Goncebatt¹

Resumo: O presente artigo analisa a transformação dos mecanismos de poder na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, investigando como a liberdade é instrumentalizada como dispositivo de dominação. O objetivo geral da pesquisa é compreender como o discurso da liberdade se converte em mecanismo de auto exploração na contemporaneidade. A pergunta norteadora questiona: de que forma a sociedade de controle transforma a liberdade em armadilha para a subjetividade? Metodologicamente, o estudo desenvolve-se por meio de análise bibliográfica e filosófica, fundamentando-se principalmente nas obras de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Byung-Chul Han, estabelecendo um diálogo entre os conceitos de disciplina, controle e psicopolítica. Os resultados obtidos revelam que, diferentemente da sociedade disciplinar que operava por coerção externa, a sociedade de controle atua pela internalização dos mecanismos de poder, transformando o sujeito em "projeto" e promovendo a auto exploração. Identificou-se que a exploração da emoção, a gamificação da vida e a instrumentalização da comunicação constituem as principais estratégias desse novo paradigma, onde o indivíduo torna-se simultaneamente senhor e servo de si mesmo. Conclui-se que a crise da emancipação contemporânea não reside na falta de liberdade, mas em seu excesso instrumentalizado, gerando uma forma de dominação mais eficiente que dispensa grilhões visíveis e dissolve a tradicional consciência de classe, impossibilitando a revolução nos moldes marxistas clássicos.

Palavras-chave: Sociedade de Controle; Auto Exploração; Liberdade; Subjetivação; Psicopolítica.

LA LIBERTAD COMO TRAMPA: AUTOEXPLOTACIÓN, CONTROL Y LA CRISIS DE LA EMANCIPACIÓN EN LA SOCIEDAD DE CONTROL

Resumén: El presente artículo analiza la transformación de los mecanismos de poder en el paso de la sociedad disciplinaria a la sociedad de control, investigando cómo la libertad es instrumentalizada como dispositivo de dominación. El objetivo general de la investigación es comprender cómo el discurso de la libertad se convierte en mecanismo de autoexplotación en la contemporaneidad. La pregunta orientadora cuestiona: ¿de qué forma la sociedad de control transforma la libertad en trampa para la subjetividad? Metodológicamente, el estudio se desarrolla mediante análisis bibliográfico y filosófico, fundamentándose principalmente en las obras de Michel Foucault, Gilles Deleuze y Byung-Chul Han, estableciendo un diálogo entre los conceptos de disciplina, control y psicopolítica. Los resultados obtenidos revelan que, a diferencia de la sociedad disciplinaria que operaba por coerción externa, la sociedad de control actúa por la internalización de los mecanismos de poder, transformando al sujeto en "proyecto" y promoviendo la autoexplotación. Se identificó que la explotación de la emoción, la

¹ Mestrando em Filosofia (UNIOESTE). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5883-6651>. E-mail: goncebatt1990@gmail.com

gamificación de la vida y la instrumentalización de la comunicación constituyen las principales estrategias de este nuevo paradigma, donde el individuo se convierte simultáneamente en señor y siervo de sí mismo. Se concluye que la crisis de la emancipación contemporánea no reside en la falta de libertad, sino en su exceso instrumentalizado, generando una forma de dominación más eficiente que prescinde de grilletes visibles y disuelve la tradicional conciencia de clase, imposibilitando la revolución en los moldes marxistas clásicos.

Palabras-clave: Sociedad de Control; Autoexplotación; Libertad; Subjetivación; Psicopolítica.

Introdução

Este artigo analisa a transição da sociedade disciplinar (Foucault) para a sociedade de controle (Deleuze), culminando na psicopolítica neoliberal (Han), onde a liberdade se converte paradoxalmente em mecanismo de dominação. A questão central que nos orienta é: como a sociedade de controle transforma a liberdade em armadilha para a subjetividade?

Diferentemente dos regimes disciplinares que operavam por coerção externa, o poder contemporâneo atua pela modulação dos desejos. O "sê livre!" neoliberal revela-se mais cruel que o "sê obediente!" disciplinar. O golpe de gênio da sociedade de controle consiste em transformar sujeitos submissos em "projetos" autônomos, onde a auto exploração substitui a coerção externa.

Identificamos três estratégias fundamentais desse novo paradigma: a exploração da emoção, a gamificação da vida e a instrumentalização da comunicação. Por meio desses mecanismos, o sistema neoliberal transforma o trabalhador em uma figura híbrida – simultaneamente senhor e servo de si mesmo – diluindo a consciência de classe tradicional.

O conceito deleuziano de "dobra" nos permite compreender como essa duplicidade se instala na subjetividade contemporânea, criando uma complexa relação entre interior/exterior, explorado/explorador. A crise da emancipação não reside na falta de liberdade, mas em seu excesso instrumentalizado.

Propomos, portanto, uma reflexão crítica sobre os mecanismos pelos quais o poder contemporâneo transforma a liberdade em dispositivo de dominação, buscando identificar possíveis linhas de fuga que permitam repensar a liberdade para além de sua captura pelo sistema.

Metodologia

Este artigo desenvolve-se por meio de análise bibliográfica e filosófica, fundamentando-se principalmente nas obras de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Byung-Chul Han. A metodologia adotada estabelece um diálogo entre os conceitos de disciplina, controle e psicopolítica, analisando como esses autores compreendem a transformação dos mecanismos de poder na contemporaneidade. A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, com ênfase na interpretação crítica dos textos e na articulação conceitual entre diferentes perspectivas teóricas. Foram selecionadas obras fundamentais como "Vigiar e Punir" de Foucault, "Conversações" e "Foucault" de Deleuze, e "Psicopolítica" de Byung-Chul Han, estabelecendo um percurso analítico que parte da sociedade disciplinar, passa pela sociedade de controle e chega à análise da psicopolítica neoliberal.

Análise de dados e resultados

É paradoxal como as categorias de poder instrumentaliza o discurso da liberdade para impor uma submissão ainda mais eficaz ao sujeito, vivemos uma transição histórica: da sociedade disciplinar (Foucault) para a sociedade de controle (Deleuze).

Nessa zona liminar — uma "interzona" entre modelos de dominação — a própria liberdade é sequestrada como mecanismo de exploração, esse movimento ocorre de forma “pacífica” e vem se prolongando por anos, tornando automático e incontestável este processo, como podemos ver nas palavras de (DELEUZE, 2005, p. 79) “é por essa razão que as grandes teses de Foucault sobre o poder, como vimos anteriormente, desenvolve-se em três grandes rubricas: o poder não é essencialmente repressivo (já que “incita, suscita, produz”).

Focaremos neste primeiro momento na análise desta primeira rubrica de Foucault onde podemos constatar através desses pensadores que o poder não exerce a repressão como antigamente, pois o controle como forma de subjetivação também se transforma, segundo Deleuze “O que é preciso colocar, então é que a subjetivação, relação consigo, não deixa de se fazer, mas se metamorfoseando, mudando de modo, a ponto do modo grego tornar-se uma lembrança bem longínqua”. (DELEUZE, 2005, p. 111).

Byung-chul Han desvela o cerne desse movimento, uma nova servidão surge sob o véu da emancipação, o sujeito contemporâneo cuja etimologia já denuncia seu lugar (*sub-jectum*: "lançado sob") é convencido de que abandonou as amarras tradicionais, no entanto, a sensação

de liberdade que experimentamos é sintomática dessa passagem, uma lacuna onde a antiga disciplina cede espaço a um controle sutil e internalizado.

Aqui reside o golpe de gênio da sociedade de controle, nos faz crer que não somos mais sujeitos submissos, mas "projetos" autônomos, empreendedores de nós mesmos, essa transição — do sujeito ao projeto — é acompanhada por uma euforia enganosa, a ilusão de que somos livres para inventar quem somos, essas práticas de poder moldam a identidade e a subjetividade do indivíduo.

Mas, como adverte Han, o *projeto* não é uma figura de libertação, e sim uma forma hiper eficiente de subjetivação, a auto exploração substitui a coerção externa, e o "sê livre!" transforma-se em um imperativo mais cruel que o "sê obediente!" da era disciplinar, pois não temos mais as limitações físicas do espaço do Panóptico, prisões, escolas e quartéis, como vemos nas palavras de Deleuze.

Assim, Vigiar e Punir define o Panóptico pela pura função de impor uma tarefa ou um comportamento quaisquer a uma multiplicidade qualquer de indivíduos sob a única condição de que a multiplicidade seja pouco numerosa e o espaço limitado, pouco extenso. (DELEUZE, 2005, p.80).

Nessa interzona, a liberdade revela seu avesso, somos levados a acreditar na nossa autonomia precisamente quando estamos mais submetidos a crise da liberdade, portanto, não está em sua falta, mas em seu excesso, um excesso que como mostra Han nos torna servos voluntários de um sistema que dispensa grilhões.

A liberdade terá sido episódica. Um episódio no sentido de entreto, de conexão entre partes. Esse sentimento de liberdade se instaura na passagem de uma forma de vida à outra até que esta também se mostre como um modo de coerção. Assim, uma nova forma de submissão sucede à libertação. É esse o destino do sujeito, que literalmente significa "estar submetido". (BYUNG-CHUL HAN, 2020, p.09).

O poder pode ser entendido como um sistema que não apenas se adapta à liberdade, mas também a transforma em mecanismo que absorve e instrumentaliza as formas de expressão humana, a chamada metamorfose já citada por Deleuze "A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose". (DELEUZE, 2005, p.113) como as emoções, o lazer e a comunicação, convertendo essas forças em ferramentas de

mercado, transitando pelas formas segundo Deleuze, a sociedade de controle não exerce sua força sob uma única perspectiva, ela transita por todas as áreas.

Ao mesmo tempo locais, instáveis e difusa, as relações de poder não emanam de um ponto central ou de um foco único de soberania, mas vão a cada instante “de um ponto a outro” no interior de um campo de forças, marcando inflexões, retrocessos, retornos, giros, mudanças de direções, resistências. (DELEUZE, 2005 p.81).

A exploração da emoção

Vivemos sob a tirania dos "vendedores de sonhos" aqueles que comercializam cursos prometendo riqueza instantânea — *"Faça um milhão em 5 passos!"* ou *"Torne-se milionário com meu método!"* O que está em jogo aqui não é conhecimento, mas a exploração do desejo e da vulnerabilidade emocional, através de novas tecnologias como o marketing digital.

O sonho de ascensão social, que deveria ser um impulso legítimo, é reduzido a uma mercadoria, enquanto a classe baixa sonha em escapar da precariedade, quem lucra é justamente quem vende esse sonho impossível, como alerta Byung-Chul Han, na sociedade do desempenho, a auto exploração se disfarça de empoderamento.

A gamificação da vida

A subjetivação também corrompe o jogo, atividade livre por excelência através da *gamificação*, transformamos nossa vida em um tabuleiro de conquistas vazias *"Complete tarefas e suba de nível!"*, *"Acumule pontos no seu cartão de crédito!"*. Han mostra como essa lógica nos torna jogadores compulsivos de um jogo que não podemos vencer, pois as regras são ditadas pelo mercado, um poder da sociedade de controle, a liberdade do jogo vira uma armadilha de produtividade.

A comunicação como arma

Por fim, a comunicação que deveria ser diálogo é sequestrada, desenvolveu-se uma linguagem específica para manipular emoções e desejos *"Você merece mais!"*, *"Seja seu próprio chefe!"*, essa retórica esconde a realidade a tal "liberdade" do empreendedorismo muitas vezes significa trabalho precário, solidão e dívidas, a frase *"você é livre para ser empreendedor"*

de si mesmo" é a máxima ironia, não há liberdade quando você está preso na corrida para sobreviver.

O neoliberalismo é um sistema muito eficiente – diria até inteligente – na exploração da liberdade: tudo aquilo que pertence às práticas e formas de expressão da liberdade (como a emoção, o jogo e a comunicação) é explorado. (BYUNG-CHUL HAN, 2020, p.11).

Percebemos que nessas três áreas existe uma preocupação em capturar o tempo, a sociedade de controle amarrou as multiplicidades à produção, onde o ócio vira nesse sentido um “crime”, pois “trabalhe enquanto eles dormem” virou um mantra perpetuado pelos coach.

Podemos ver nas palavras de Deleuze “A dobra parece então ser desdobrada, a subjetivação do homem livre se transforma em sujeição: por um lado é “a submissão ao outro pelo controle e pela dependência” (DELEUZE, 2005. p.110).

Da colonização para a sociedade de controle: a evolução histórica da exploração

A exploração da vontade alheia segue uma lógica histórica reveladora, forçar alguém a agir contra sua própria vontade é ineficiente e gera baixo rendimento, os portugueses descobriram isso empiricamente durante a colonização do Brasil em 1500.

Os registros históricos mostram que populações indígenas inteiras preferiam o suicídio coletivo à submissão forçada, como mostra (RIBEIRO,1996, p.65) “Depois de consolidada a conquista lusitana, só contaram com o recurso de resistir até o suicídio ou emigrar para mais longe da costa, cedendo lugar aos rebanhos”, assim como Byung-chull Han descreve na p.11 “Explorar alguém contra sua própria vontade não é eficiente, na medida em que torna o rendimento muito baixo.” (BYUNG-CHULL HAN,2020, p.11).

O fracasso da exploração direta

Quando os colonizadores chegaram impondo trabalho escravo abruptamente aos povos nativos, encontraram resistência radical, os corpos indígenas não estavam disciplinados para o sistema produtivo europeu, não havia sido estabelecida uma estrutura prévia de dominação que normalizasse a exploração, como resultado, o rendimento era baixíssimo, a violência bruta se mostrou economicamente ineficiente.

A solução colonial: a exploração da liberdade

A virada ocorreu com o tráfico transatlântico de escravizados africanos, esta não foi apenas uma substituição de mão-de-obra, mas uma mudança no paradigma de exploração:

- Os africanos escravizados, retirados de seu contexto cultural, eram mais facilmente subjugados.
- Criou-se todo um aparato ideológico (o racismo científico) para justificar a dominação.
- Estabeleceu-se um sistema onde a própria "liberdade" do colonizador dependia da negação da liberdade do outro.

A continuidade da lógica

Hoje, nessa interzona, vemos a sofisticação máxima desse mecanismo, se no colonialismo era necessário negar a liberdade do outro, agora exploramos a própria liberdade como mercadoria:

- A auto exploração substitui a coerção direta.
- O discurso do empreendedorismo mascara a precarização.
- A ideologia da meritocracia justifica as desigualdades.

A lição histórica é clara, a exploração mais eficiente não é aquela que anula à vontade, dos engenhos coloniais aos escritórios modernos, o sistema sempre busca formas mais sutis e lucrativas de dominação.

A dobra na sociedade de controle: quando o trabalhador é senhor e servo de si mesmo

A sociedade de controle operou uma transformação radical na estrutura de classes, se no capitalismo clássico tínhamos uma relação clara entre burguesia exploradora e proletariado explorado, hoje surge uma figura híbrida, o trabalhador-empresendedor, esta não é uma revolução comunista que emancipa o trabalhador, mas sim a subjetivação que internaliza a exploração.

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador um empreendedor. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje, cada um é um trabalhador que explora

a si mesmo para a sua própria empresa. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa. A luta de classe também se transforma em uma luta interior consigo mesmo. (BYUNG-CHUL HAN, 2020, p.15).

Essa dualidade interna nos remete ao conceito de dobra, exatamente essa dicotomia entre o de fora e o de dentro, os espaços que consideramos livres, como trabalho, educação, cultura ou qualquer outra forma de poder são atravessados por estruturas da sociedade de controle, produzindo assim a subjetivação que gera uma complexa relação entre o interior/exterior, finito/infinito explorado/explorador, empregado/patrão, lembrando que Deleuze deixa claro “A subjetivação se faz por dobra” (DELEUZE, 2005 p.111).

Essa divisão em partes iguais pressupõe a existência de no mínimo dois elementos essenciais a parte de cima e a parte de baixo, é um fluxo que entra e sai, o que vem de fora e como ela é internalizada, algumas histórias são criadas para poder explicar esses conceitos e que ajudam a entender a lógica do pensamento desses autores, como Deleuze no diz:

A respeito do louco lançado em sua nau, na Renascença, Foucault dizia: “ele é colocado no interior do exterior, e inversamente (...) prisioneiro no meio da mais livre, da mais aberta das estradas, solidamente acorrentado à infinita encruzilhada, ele é o Passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem”. (DELEUZE, 2005, p.104).

Essa duplicidade que foi a obsessão de Foucault como podemos averiguar com Deleuze “Ou Melhor, a obsessão constante de Foucault é o tema do duplo” (DELEUZE, 2005, p.105), aprofundando nessa teoria vemos que a duplicidade não parte de dentro da dobra mas vem de fora, é a internalização do lado de fora, a dobra portanto é sempre dupla ela só existe como relação, não há uma dobra isolada há sempre um movimento de dobrar e desdobrar, um jogo entre o que se esconde e o que se revela, pense em como uma folha de papel pode ser dobrada repetidas vezes, pode ganhar formas inesperadas, nesse sentido agora pense na mente humana internalizando e dobrando experiências, memórias e percepções para construir significados, igual um papel que se dobra para virar um origami. Agora um exercício, é possível dobrar um papel infinitas vezes? Qual o limite? E principalmente quanto de força e energia seria necessário?

Como um lençol esticado em uma cama, onde partes extremas estão separadas, basta uma dobra para que se unam, o que está longe também está perto como vemos em Deleuze “É exatamente como a invaginação de um tecido na embriologia ou a feitura de um forro na costura: torcer, dobrar, cerzir...” (DELEUZE, 2005, p.105).

A contradição da auto exploração

Como foi astutamente observado: "Cada um é senhor e servo em uma única pessoa" (BYUNG-CHUL HAN, 2020, p.15). Esta frase revela o cerne da dobra na sociedade de controle:

- Senhor: O trabalhador acredita ser "dono do seu negócio" (como motoristas de Uber ou entregadores do iFood).
- Servo: Na prática, trabalha em condições precárias, sem direitos, para plataformas que concentram o lucro.

As megacorporações digitais (Uber, iFood) são emblemáticas, o iFood é o maior entregador de comida do Brasil sem possuir uma única moto, o trabalhador fornece os meios de produção (seu veículo, seu celular) e assume todos os riscos, essas Big Tech estão cada vez mais usurpando o papel do Estado, fica difícil até de taxar e regulamentar o serviço pois não possuem vínculo empregatício, seria essa realidade uma espécie de dobra?

O conceito de dobra aplicado

A "dobra" é perfeita para entender esta transformação:

- Transformação sem perda da essência: A exploração continua, mas muda de forma.
- Lado superior (senhor): A ilusão de autonomia "sou meu próprio chefe".
- Lado inferior (servo): A realidade de submissão algoritmos ditam seu trabalho.

Como na colonização não houve eliminação da exploração, mas sim sua sofisticação, a violência explícita do capataz foi substituída pelo controle algorítmico das plataformas.

Consequências da auto exploração:

- Diluição da luta de classes: Como protestar quando você é seu próprio patrão?
- Precarização total: A ausência de vínculo empregatício é vendida como "liberdade".
- Exaustão psíquica: A auto exploração gera ansiedade e depressão.

A crise da consciência de classe: a impossibilidade da revolução como Marx pregava

A auto exploração sem classes é um fenômeno completamente estranho à análise marxista tradicional, para Marx, a revolução social só seria possível a partir da contradição clara entre exploradores (burguesia) e explorados (proletariado).

No regime neoliberal não existe um proletariado ou uma classe trabalhadora que seria explorada pelo proprietário dos meios de produção. Na produção imaterial, de um jeito ou de outro, cada um possui seu próprio meio de produção. O sistema neoliberal não é mais um sistema de classes em sentido estrito. (BYUNG-CHUL HAN, 2020, p.15).

No entanto, a sociedade de controle dissolve essa visão ao transformar o trabalhador em "burguês sem dinheiro", um sujeito que mesmo precarizado se identifica como "patrão de si mesmo".

Como foi destacado "O trabalhador não é mais a mesma pessoa" ele se dobra, internalizando a lógica do empreendedorismo, o resultado é uma crise da consciência de classe, para que haja resistência precisamos desdobrar e redobrar a subjetivação através de mecanismos de fuga. Voltamos aqui utilizar o filme Matrix para entender a dobra e como uma multiplicidade pode defender o sistema que lhe oprime, a Matrix é um sistema de controle que dobra a realidade sobre si mesma, criando uma ilusão tão coerente que seus habitantes não percebem que estão em uma simulação.

A única esperança que a humanidade tem é a resistência, um grupo de pessoas maltrapilhos com recursos limitados e estratégias de fuga muito bem elaboradas, o que garante relativo sucesso na sua empreitada. Talvez essas multiplicidades que vivem em suas singularidades precisem como no filme, acordar, tomar a pílula vermelha, como podemos ver em Deleuze "haverá sempre uma relação consigo que resiste aos códigos e aos poderes; a relação consigo é, inclusive, uma das origens desses pontos de resistência de que falamos anteriormente" (DELEUZE, 2005, p.111).

- O proletário não se enxerga mais como explorado, mas como "empreendedor em ascensão" participando e concordando como o mundo deveria funcionar, a sociedade de controle permite essa dualidade entre as forças.
- A exploração deixa de ser um problema estrutural (do capitalismo) para ser vista como falha individual "se não deu certo, a culpa é sua".

Ideologias da classe dominante internalizadas

O “pobre de direita” defende como “naturais” ideologias que, na verdade, o oprimem, como explicar tanta concordância entre as forças diante de tanta discrepância, a resposta está na dominação ideológica que o poder submete as multiplicidades através da subjetivação na sociedade de controle, as forças convergem para uma moral imposta pelo poder, em Deleuze podemos ver a exploração dessa força “O indivíduo interior acha-se codificado, recodificado num saber “moral” e, acima de tudo, torna-se o que está em jogo no poder - é diagramatizado”.

- Meritocracia: "Se você não é rico é porque não se esforçou o suficiente".
- Estado mínimo: "Impostos são roubo" (mesmo dependendo de serviços públicos).
- Flexibilização trabalhista: "Direitos trabalhistas atrapalham quem quer trabalhar".

A Revolução se Torna Impossível?

- Não há sujeito revolucionário: O trabalhador isolado (por apps, home office) não forma coletivos.
- A exploração é vivida como escolha: "Eu me cobro porque quero vencer".
- A dominação é internalizada: Como rebelar-se contra um sistema quando você acredita que o problema é você?

Gamificação: uma ferramenta de engajamento com múltiplas camadas

Antes de mergulharmos nas complexas relações entre gamificação, poder e subjetivação, é essencial estabelecer uma compreensão clara do conceito básico, a gamificação consiste na aplicação estratégica de elementos e mecânicas característicos de jogos, como sistemas de pontuação, rankings classificação, recompensas instantâneas, estruturas de níveis progressivos e símbolos de conquista em contextos que originalmente não possuem natureza lúdica, este processo de transposição de elementos gamificados tem como objetivo principal transformar atividades cotidianas, muitas vezes percebidas como rotineiras ou desestimulantes, em experiências mais envolventes e motivadoras.

A gamificação, tradução do termo em inglês “gamification”, pode ser entendida como a utilização de elementos de jogos em contextos fora de jogos, isto é, da vida real. O uso desses elementos – narrativa, feedback, cooperação, pontuações etc. – visa a aumentar a motivação dos indivíduos com relação à atividade da vida real que estão realizando. (MURR, 2020, p.7).

É crucial distinguir gamificação de jogos tradicionais, enquanto jogos são atividades com objetivos puramente recreativos, existindo em um espaço claramente delimitado como ficcional (como uma partida de xadrez ou uma sessão de videogame), a gamificação empresta apenas alguns elementos desses jogos para enriquecer atividades da vida real, sem transformá-las integralmente em um jogo.

Um aplicativo de exercícios físicos que utiliza medalhas virtuais para motivar a prática esportiva é gamificado, mas não constitui um jogo em si mesmo.

Esta compreensão básica da gamificação como ferramenta de engajamento serve como alicerce necessário para análises mais críticas, o que inicialmente se apresenta como uma técnica neutra e benigna de motivação revela, sob escrutínio mais aprofundado, camadas complexas de influência comportamental e controle social.

Ao estabelecermos primeiro o que é gamificação em sua expressão mais fundamental, preparamos o terreno para examinar como essa aparente inocência lúdica pode servir a mecanismos mais sutis e profundos de modelagem de subjetividades e exercício de poder na sociedade contemporânea.

Nesta interzona, uma passagem de uma sociedade para a outra a gamificação transcende sua função aparente, revelando-se como um sofisticado dispositivo de dominação, essa abordagem representa uma evolução radical no mecanismo de controle social, operando através da aceleração e intensificação dos processos de subjetivação, se os modelos tradicionais mostram como normas externas se convertem em controle, o sistema atual vai além, criando uma internalização auto sustentada, onde o indivíduo não apenas cumpre ordens, mas desenvolve dependência da própria lógica exploratória.

A gamificação não é apenas um mecanismo de internalização de normas, mas sim uma Super Dobra – ou seja, uma forma acelerada e excessiva de captura da subjetividade pelo poder, se a dobra tradicional como descrita por Deleuze opera pela transformação do controle externo em auto disciplina, a super dobra vai além, ativa em excesso os mecanismos de adesão, transformando obediência em compulsão e a produtividade em vício.

O que distingue esse fenômeno é seu caráter excessivo e autônomo, enquanto nas sociedades da disciplina o domínio se estabelecia mediante horários rígidos e sinais sonoros, os aplicativos contemporâneos instituem uma forma de poder mais eficiente, a tirania do engajamento espontâneo, profissionais que perseguem obsessivamente conquistas virtuais, trabalhadores que suportam jornadas exaustivas para manter classificações digitais, ou

autônomos que se cobram para atingir metas como em jogos eletrônicos, estão imersos nesse mecanismo que transforma a submissão em compulsão.

Sem dúvida a fábrica já conhecia o sistema de prêmios, mas a empresa se esforça mais profundamente em impor uma modulação para cada salário, num estado de perpetua metaestabilidade, que passa por desafios, concursos e colóquios extremamente cômicos. (DELEUZE, 1992, p.220).

Esse sistema atua em três dimensões complementares:

- Primeiro, condensa o tempo de controle, substituindo a disciplina progressiva por respostas imediatas e gratificações instantâneas;
- Segundo, aprofunda a captura da subjetividade, fazendo com que o indivíduo não apenas aceite as regras estabelecidas, mas a deseje intensamente;
- terceiro e mais significativo, emocionaliza o processo de dominação, vinculando a autoestima e a realização pessoal a indicadores quantificáveis.

O resultado é uma forma de gestão tão eficaz que prescinde de supervisores diretos, quando um profissional de plataforma verifica seu aplicativo e observa uma taxa de aceitação elevada, ele não enxerga um simples número visualiza um desafio pessoal e ganhos pessoais, uma missão a cumprir, um compromisso consigo mesmo, esse mecanismo alcançou o que nem os mais rígidos sistemas disciplinares conseguiram, fazer com que o trabalhador se torne seu próprio fiscal, buscando voluntariamente objetivos cada vez mais exigentes.

Nessa perspectiva, a gamificação personifica o ápice das sociedades de controle, um modelo que não necessita reprimir pois consegue cativar, que não precisa coagir porque consegue envolver, que não requer dissimular a exploração pois consegue transformá-la em atividade lúdica, esse dispositivo não governa a despeito da liberdade individual e sim através dela, característica que simultaneamente amplia seu poder e aprofunda seu potencial de alienação.

O poder como animal e a metamorfose do controle econômico

Assim como Deleuze nos traz uma metáfora em conversações p.220 “A Velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamentos, mas a serpente o é das sociedades de controle”. (DELEUZE, 1992, p.220).

A velha toupeira monetária com seus hábitos subterrâneos e movimentos pesados, representa perfeitamente o dinheiro das sociedades disciplinares, um animal que cavava sistemas rígidos de confinamento econômico, tal como as moedas de ouro cunhadas pelo poder soberano que impunham uma medida fixa e material, essa toupeira monetária operava em espaços bem delimitados, como os bancos físicos e os sistemas de câmbio fixo, criando uma economia da escassez que refletia os muros das prisões e fábricas foucaultianas.

Mas a toupeira dá lugar à serpente, esse animal fluido e adaptável que melhor simboliza o dinheiro na sociedade de controle, a serpente não cava trincheiras, mas sim desliza silenciosamente entre as redes digitais mudando de pele conforme as necessidades do mercado, enquanto a toupeira representava a estabilidade do padrão-ouro a serpente encarna a volatilidade das moedas fiduciárias e das criptomoedas, que flutuam ao sabor dos algoritmos, se a toupeira confinava, a serpente modula, se uma impunha limites materiais, a outra opera através da liquidez absoluta, que por sua vez Byung-Chul Han diz em psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder, p.221 “A toupeira é trabalhadora, a cobra por sua vez é empreendedora” (BYUNG-CHUL HAN, 2020, p.221) interessante como a imagem do movimento da cobra lembra perfeitamente o conceito de dobra, um animal que se movimenta dobrando o seu corpo.

O que torna essa metáfora importante é precisamente sua capacidade de capturar a transformação histórica dos mecanismos de poder, a toupeira com suas tocas bem definidas, correspondia ao poder disciplinar que segmentava espaços e tempos, já a serpente capaz de se contorcer e adaptar a qualquer ambiente, espelha o poder de controle que atua através de modulações contínuas, seja através das taxas de juros que regulam o consumo, dos scores de crédito que determinam acesso a serviços, ou dos rastreamentos digitais que monitoram cada transação.

Nesse novo regime, o dinheiro deixou de ser um instrumento de medida para se tornar um operador de comportamentos, tão flexível quanto insidioso, a grande questão que permanece é se as novas formas monetárias - como as criptomoedas - representam um novo disfarce da serpente ou se poderão de algum modo escapar à sua lógica de controle.

Com o avanço tecnológico e a popularização da internet, surgiram novas formas de organização econômica que desafiam as estruturas tradicionais do mercado financeiro, a digitalização dos ativos financeiros especialmente com o surgimento das criptomoedas, representou uma ruptura com o modelo centralizado controlado por Estados e instituições

bancárias, essas moedas digitais emergiram como instrumentos de troca descentralizados, operando em redes de pessoa para pessoa sem a necessidade de intermediários.

O Bitcoin, criado em 2008 por Satoshi Nakamoto, foi a primeira implementação bem-sucedida de uma criptomoeda, mais do que uma simples inovação tecnológica ele surgiu como uma linha de fuga do sistema financeiro tradicional, inspirado na ideia de Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, podemos entender o Bitcoin como uma arma contra a hegemonia estatal e bancária, nas palavras dos filósofos:

Nas linhas de fuga que se inventam armas novas para opor às armas pesadas do Estado. Pode ser que eu fuja, mas ao longo da minha fuga busco uma arma. Nas linhas de fuga, os nômades varriam tudo a sua passagem, encontravam armas novas que deixavam faraós estupefatos. (DELEUZE, 1996, p.72).

A gamificação não é um acaso ou um simples recurso de engajamento é uma tecnologia de controle nascida dentro do poder, projetada para transformar vida, trabalho e consumo em um jogo de regras invisíveis, como vimos Byung-chul Han.

Já o Bitcoin surge no mesmo cenário de hiper controle, mas com uma proposta aparentemente oposta, mas será que o Bitcoin é realmente uma linha de fuga — no sentido que Deleuze e Guattari deram ao termo, um caminho de ruptura com o sistema — ou apenas mais um território a ser colonizado pelo capital?

Por um lado, sua tecnologia permite transações sem intermediários, resistindo a confiscos e controles estatais, por outro, já vemos instituições financeiras tradicionais absorvendo o Bitcoin, transformando-o em mais um ativo especulativo, regulamentações governamentais e a crescente influência de grandes players como fundos de investimento as chamadas baleias de mercado e corretoras centralizadas sugerem que o sistema pode estar aprendendo a cooptar essa suposta ameaça, seria o poder se dobrando para se adaptar?

A ideia de linha de fuga pressupõe um movimento de escape criativo, mas também reconhece que o sistema é hábil em transformar rupturas em novas formas de controle, o Bitcoin pode ter nascido como uma arma contra o Estado, mas nada garante que ele não será domesticado.

Se grandes corporações e governos controlam as plataformas e a infraestrutura em torno das criptomoedas, quão descentralizado o sistema realmente é?

Se o Bitcoin se tornar apenas mais um ativo no portfólio, ele ainda é uma fuga — ou só mais uma peça no tabuleiro financeiro?

O dinheiro sempre foi mais do que um simples meio de troca - é um espelho das estruturas de poder de cada época, se observarmos atentamente sua evolução, veremos como a passagem das sociedades disciplinares para as sociedades de controle se reflete nas transformações monetárias, nas sociedades disciplinares analisadas por Foucault, o dinheiro era material, palpável e disciplinado, tal como os corpos nas fábricas e prisões.

As moedas cunhadas em ouro carregavam o selo do poder soberano e seu valor estava vinculado a um padrão objetivo e limitado pela escassez do metal, essa materialidade do dinheiro refletia uma economia da escassez, onde o controle se exerce através da limitação física.

É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas a ouro – que servia de medida padrão -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma porcentagem de diferentes amostras de moeda. (DELEUZE, 1992, p.220).

Porém, com o abandono do padrão-ouro em 1971, iniciou-se uma transição fundamental, o dinheiro deixou de ser um objeto concreto para se tornar um signo flutuante, lastreado apenas na promessa de bancos centrais e governos, na sociedade de controle descrita por Deleuze, o dinheiro se desmaterializou completamente, transformando-se em bytes em sistemas eletrônicos, a moeda não é mais disciplinada, mas modulada, taxas de juros, inflação e câmbio são ajustados em tempo real em um painel de controle, cartões de crédito, scores financeiros e algoritmos passaram a definir quem pode gastar, quanto e onde, o dinheiro tornou-se uma ferramenta sofisticada de modulação comportamental.

Esta análise revela como a história do dinheiro é, na verdade, a história das transformações do exercício do poder, da moeda cunhada ao dinheiro digital, passando pelas criptomoedas, cada forma monetária carrega em si as contradições de sua época.

O desafio atual parece ser encontrar ou criar formas monetárias que possam realmente servir como instrumentos de liberdade, em vez de meras ferramentas de controle repaginadas, a resposta para esse dilema ainda está sendo escrita, mas uma coisa é certa, entender o dinheiro é entender as forças que moldam nossa sociedade.

Considerações finais

Nossa análise revela como a liberdade se tornou o principal instrumento de dominação na sociedade contemporânea, na transição da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, o poder deixou de operar pela repressão direta para atuar através da modulação dos desejos e comportamentos.

A instrumentalização da liberdade como mecanismo de auto exploração é o golpe de gênio da sociedade de controle, ao transformar o sujeito em "projeto", o sistema neoliberal internaliza a exploração, dispensando os aparatos disciplinares tradicionais, a exploração da emoção, a gamificação da vida e a instrumentalização da comunicação emergem como estratégias centrais desse paradigma, onde o indivíduo se torna simultaneamente senhor e servo.

O conceito de dobra, explorado por Deleuze, permite compreender como essa duplicidade se instala na subjetividade contemporânea, o trabalhador-empresendedor encarna essa contradição, vivendo a ilusão de autonomia enquanto se submete a formas sofisticadas de controle, o que dissolve a tradicional consciência de classe.

A crise da emancipação não reside na falta de liberdade, mas em seu excesso instrumentalizado, a metáfora deleuziana da toupeira e da serpente ilustra essa transformação: enquanto a toupeira representava o poder disciplinar que segmentava espaços, a serpente simboliza o poder de controle que atua através de modulações contínuas.

Concluimos que a verdadeira emancipação exige não apenas a denúncia dos mecanismos de controle, mas a criação de novas formas de subjetividade que escapem à lógica da auto exploração, reinventando a liberdade como prática de resistência.

Referências

BYUNG-CHUL, Han. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2020.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Foucault/Gilles Deleuze**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno**. São Paulo, Companhia das letras, 1996.



MURR, Carolie Elisa. **Gamificação: uma análise das técnicas de engajamento atualmente utilizadas.** 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sistemas de Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.